

LUCAS MARGARIT

Acompanhado do posfácio sobre o livro *Bernat Metge*

Juan Terenzi

LUCAS MARGARIT (Buenos Aires, 1966) é doutor em Letras pela Universidade de Buenos Aires, sua tese de doutorado versou sobre a poesia de Samuel Beckett. Realizou o seu pós-doutorado sobre a tradução e a autotradução na poesia desse mesmo autor. É poeta, professor e pesquisador na Universidade de Buenos Aires. Colaborou com várias publicações e ministrou cursos, seminários e conferências tanto na Argentina como no exterior (México, Polônia, Espanha, Eslováquia etc.). Publicou os seguintes livros: *Círculos y piedras*, *Lazlo y Alvis*, *El libro de los elementos* e *Bernat Metge*, os de ensaio *Samuel Beckett*, *Las huellas en el vacío*, *Leer a Shakespeare: notas sobre la ambigüedad*. Traduziu obras de William Shakespeare, Sir Philip Sidney, Henry Neville, W. H. Auden, Samuel Beckett, entre outros autores. Seus mais recentes livros de poemas são *Elis o la teoría de la distancia* (2020), *Telesio – Brevissimo tratado sobre el asombro* (2021).

POSFÁCIO DO LIVRO **BERNAT METGE**

(Escrito e traduzido por Juan Terenzi)

BERNAT METGE nasceu por volta do ano de 1340 em Barcelona. *Bernat Metge* nasceu em 2016, em Buenos Aires, nas páginas escritas por Lucas Margarit, cujo sobrenome invoca o imaginário catalão. Mais de seiscentos e setenta anos os separam, mais de seiscentos e setenta anos os aproximam. A figura de Bernat Metge está cercada de questões relevantes, tais como a sua prisão e a escrita de seu livro mais conhecido, *El somni*, justamente durante o período vivido no cárcere. Livro este que está composto em quatro partes e que narram alguns sonhos-visões vivenciados por Bernat, como lemos na edição catalã: “El somni se estrutura en quatre parts o llibres que narren el somni-visió del personatge Bernat i la seva conversa amb els tres personatges que se li apareixen”¹. Nesse contexto, podemos ouvir o verso de Margarit: “pasé mi vida buscando entre las biblias oscuras / la vida disimulada de Bernat”. Essa vida dissimulada, longínqua, pertencente a um tempo remoto, será encenada na composição poética.

Margarit compõe a biografia – mas o uso desta palavra não deve ser entendido de forma limitadora – poética de Bernat em cinco Partes: I. Bernat Metge; II. Los otros cuadernos de Bernat Metge; III. Próspero y Bernat; IV. Algunas dudas de Bernat; V. Recuerdos de Bernat Metge antes de morir. Através desse traçado, percebe-se uma determinada ordem, desde o surgimento de Bernat Metge até as lembranças evocadas por ele antes de sua morte. Nessa suposta linha origem-morte, lemos em Bernat Metge sinuosidades poéticas que adentram no universo rico desse personagem do século XIV, iniciador da corrente renascentista catalã.

Mas alguns elementos importantes também estão presentes antes mesmo de iniciarmos essa aventura poética, quando Margarit dedica o livro a Andrés, ao seu pai que viveu em Barcelona e a Yaya que nasceu em Claverol. Nessa dedicatória podemos traçar a íntima relação que Margarit possui com o universo catalão. Estamos imersos na fluidez da palavra poética, nesse corpo que ao mesmo tempo em que busca uma identidade, está constantemente se desintegrando. Ouvimos a voz que nos transmite a canção fúnebre de Bernat: “la canción que fue el origen / de tu muerte”. A primeira parte está marcada por elementos que integram Bernat à natureza, uma natureza obscura, de folhas trituradas, de sombras que ocultam a luz interpretativa e de qualquer sinalização de que a leitura será transparente e lúcida. A biografia que se lê refere-se não apenas ao personagem do século XIV, mas que nos faz partícipes de suas dores, de sua morte, de sua prisão, e de sua íntima relação com outros personagens próximos a ele, tais como Orfeu, Eurídice e Tirésias. O fio condutor da leitura do poema de Margarit está marcado por incertezas, as inerentes ao próprio fazer poético e também aos enigmas que circundam Bernat.

Um dos momentos chaves da leitura encerra-se quando lemos: “mi nombre es Bernat / reúno las palabras de Ovidio y las palabras / de Bernat Metge”, em que a menção a dois nomes próprios idênticos poderia reuni-los de maneira tautológica, mas “Bernat” não coincide com “Bernat Metge”, e isto porque entre eles permeia o nome de Ovídio, e ainda entre eles, permeia o nome de nós que o lemos, do eu lírico, de tantos “eus” que desfazem o “eu” singular. Bernat Metge explora essas facetas múltiplas, as potencializa, Lucas Margarit areniza o corpo de Bernat – “mi cuerpo encierra la arena / de mi cuerpo” –, o transforma minuciosamente em grãos de areia que se esvaem de nossas leituras, indagando sempre sua identidade.

O cenário mediterrânico apresenta-se, o mar que oxida irá também ser personagem integrante do panorama poético de Margarit, suas ondas salgadas, a maresia e a orla irão enlevar não apenas Bernat, mas também o nosso olhar-leitor. O marulho da leitura está posto, uma navegação poética se instala. O mármore, pedra fria e dura, comporá os últimos versos da primeira parte, coroando Bernat com sua morte pétrea – apesar de que ainda na última parte ele seja referido com as suas lembranças *ante-mortem*, que terá como continuidade as cinco cantatas da parte II.

Margarit visitou Bernat Metge, compôs Bernat Metge, e nos apresentou Bernat, nome próprio, poético, que percorre seu poema sem propriamente apresentar-se, mas indicando-nos aqui e ali possibilidades de apresentação, fantasmagoricamente. Um espectro poético escrito de maneira impactante, que nos adverte do poder que o inacabado possui, que uma letra muda possui. Uma leitura marcada por elipses, silêncios e ruínas mediterrânicas: “ningún libro ha sido terminado / ningún hogar ha sido edificado / todo / se acumula sobre escombros que forman parte / de los nuevos derrumbes”.

JUAN TERENZI | **Como se deu a aproximação com a figura de Bernat Metge? O seu livro *O sonho* e a reflexão filosófico-poética chamaram a sua atenção?**

LUCAS MARGARIT | Casualmente, me deparei com um exemplar de *O sonho* há muitos anos, e a sua figura me pareceu fascinante. Comecei a escrever pequenos esboços, alguma ou outra informação. E comecei a jogar com o que eu tinha lido. Houve uma relação direta com o texto e as possibilidades dadas por esse mundo onírico conformado por Bernat. Por outra parte, como assinalo na dedicatória e como mostra o meu sobrenome (Margarit), era também uma lembrança do mundo catalão.

Existem características particulares que caracterizam o mundo catalão?

Um dos aspectos mais interessantes é a liberdade de conexão entre as diferentes personagens que se produz no texto de *Bernat Metge*, o que também me permitiu ir além do marco cronológico e quebrar o molde da historicidade da personagem. De um modo parecido, mas com a devida distância, com o que Marcel Schwob fez. Em Bernat também há uma clara manifestação política que tem a ver com a conformação de uma literatura catalã. Na verdade, Bernat é um ponto de inflexão que conduz ao renascimento na Catalunha. Como em toda a Europa, ali também vamos encontrar uma profunda influência da cultura italiana e de renovadas leituras do mundo greco-latino. Uma das possibilidades de sobrepor tempos vem também de certa liberdade que alguns autores

deste período tinham para interpretar aqueles textos recém descobertos e para encontrar variantes nos modos de composição. Um aspecto que não devemos deixar de lado é a conformação da ideia de indivíduo, que lhe permite a Bernat estabelecer laços com personagens que são “individualizados” e também apresentar uma experiência pessoal e particular.

***Bernat Metge* faz parte de uma trilogia. Você poderia nos comentar sobre como cada umas dessas partes dialogam entre si e com a sua produção poética?**

Bernat Metge forma parte de uma trilogia, o segue *Telesio, brevissimo tratado sobre el asombro*, e *Monteverdi*, que ainda está em processo de escrita. São três nomes que dão conta de três personagens e seus vínculos com o mundo e com a palavra. Cada um elabora uma série de perguntas sobre a escrita, sobre a morte, sobre as cores e as pedras, etc, e vamos vendo que também se interpelam a si mesmos e entre si. Interessa-me muito esse período (séculos XV-XVII), daí, portanto, a escolhas dessas personagens. Por outra parte, o aspecto sonoro de seus nomes me interessa particularmente também.

Na última parte do livro, antes que Bernat morra, lemos: “nenhum livro foi concluído / nenhum lar foi edificado / tudo / se acumula sobre escombros que formam parte / dos novos desmoronamentos”. Sendo um estudioso da obra de Samuel Beckett – que soube expor os desmoronamentos da linguagem – até que ponto a ruína e o não acabado resgatam um pensador do século 14, Bernat?

Sempre ficam vestígios. O que eu posso recuperar de uma personagem como Bernat Metge é parcial, é uma séria de restos a partir dos quais tento recuperar, mesmo que seja apenas uma parte do que ele nos deixou. A ruína é uma experiência da nossa contemporaneidade, convivemos com a degradação e quem sabe a tomada de consciência disso nos remonte ao século XVI, que é quando ocorre também uma conscientização da fugacidade e da deterioração. É o momento em que se observam as ruínas como uma metáfora do corpo e da história, como uma metáfora daquilo que permanece, mas também do vazio que isso representa. Em última instância, a ruína se tornou e se torna uma pergunta sobre o que significa criar e sobre o que significa perdurar.

JUAN TEREZI (1982) é escritor, tradutor e pesquisador. Formado em Engenharia Química (2007), Letras-Espanhol (2011) e Filosofia (2016). Finaliza o curso de Letras-Italiano, e é bolsista PIBITI com pesquisa sobre o *Dicionário de Literatura Italiana*, orientado pela professora Dra. Patricia Peterle. Doutor em Literatura (UFSC) com a tese “Linguagem, voz e identidade: Beckett em diálogo”. Publicou artigos acadêmicos, resenhas, traduções, autotraduções, poemas e contos em diversas revistas nacionais e internacionais. Publicou o livro *Fis(s)uras* (Micronotas, 2022), e traduziu com apoio do Programa Sur (Argentina) o livro de poemas de Lucas Margarit, *Bernat Metge* (Micronotas, 2022).